A formação leitora entre livros e redes sociais: os sentidos produzidos por alunos da educação básica sobre a biblioteca pública da sua cidade

Francisco Ari de Andrade
Erinelda da Costa Paixão

Resumo

Este artigo buscou apreender o sentido que os estudantes da educação básica estão construindo da biblioteca de sua cidade. O esforço consistiu em investigar a significação que eles atribuem à biblioteca pública municipal no tocante à sua funcionalidade, pondo, assim, em evidência, a relação da instituição com o processo de ensino-aprendizagem. Tal esforço foi empreendido e guiado pela abordagem da história cultural, com base na semiótica de Roger Chartier (2002). A pesquisa, de cunho quanti-qualitativo, foi desenvolvida no interstício de 2016-2017 nas dependências da Biblioteca Pública Municipal Capistrano de Abreu, da cidade Maranguape – Ceará, e consistiu-se em três etapas. Na primeira, com enfoque bibliográfico, foram feitas as leituras subjacentes à temática; na segunda, utilizou-se como instrumento o questionário, com questões objetivas de múltipla escolha, aplicado aos sujeitos da pesquisa; na terceira etapa, a tabulação dos dados e a elaboração de gráficos, para em seguida analisar a partir de um olhar compreensivo, o sentido que os estudantes apontam acerca da biblioteca em sua relação com o saber. Os resultados demonstram que a biblioteca pública é percebida pelos estudantes como sendo um suporte para a ação pedagógica da escola em seu processo de ensino-aprendizagem, haja vista que o sentido construído sobre a instituição se confunde com as atividades escolares nas quais o aluno é solicitado a resolver.

Palavras-chave: Educação. Biblioteca. Leitura.

Francisco Ari de Andrade

Universidade Federal do Ceará, UFC

E-mail: andrade.ari@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-3028-9867>

Erinelda da Costa Paixão

Universidade Federal do Ceará, UFC

E-mail: erineuda_paixao@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-7588-2840>

Recebido em: 10/05/2019

Aprovado em: 30/03/2020

<http://www.perspectiva.ufsc.br>

<http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2020.e65104>

Abstract

Reading training between books and social networks: the meanings sought by basic education students about the city's public library

This article sought to apprehend the meaning that basic education students are building for their city library. The effort consisted of investigating the significance they attach to the municipal public library in terms of its functionality, thus highlighting the institution's relationship with the teaching-learning process. Such effort was undertaken guided by the approach of cultural history, based on the semiotics of Roger Chartier (2002). The research, of a quanti-qualitative nature, was developed in the 2016-2017 interstice on the premises of the Capistrano de Abreu Municipal Public Library, in the city of Maranguape - Ceará, and consisted of three stages. In the first, with a bibliographic focus, the readings underlying the theme were made; in the second, the questionnaire was used as an instrument, with multiple choice objective questions, applied to the research subjects; in the third stage, the tabulation of data and the elaboration of graphs, to then analyze, from a comprehensive perspective, the sense that students point out about the library in its relationship with knowledge. The results demonstrate that the public library is perceived by the students as being a support for the school's pedagogical action in its teaching-learning process, given that the meaning built on the institution is confused with the school activities in which the student is asked to solve.

Keywords:

Education.
Library. Reading.

Resumen

Capacitación lectora entre libros y redes sociales: los significados que producen los estudiantes de educación básica sobre la biblioteca pública de su ciudad

Este artículo ha buscado comprender el significado que los estudiantes de la educación básica están construyendo para la biblioteca de su ciudad. El esfuerzo consistió en investigar la importancia que atribuyen a la biblioteca pública municipal con respecto a su funcionalidad, destacando así la relación de la institución con el proceso de enseñanza-aprendizaje. Este esfuerzo se llevó a cabo guiado por el enfoque de la historia cultural, basado en la semiótica de Roger Chartier (2002). La investigación, de carácter cuantitativo-cualitativo, se desarrolló en el intersticio 2016-2017 en las instalaciones de la Biblioteca Pública Municipal Capistrano de Abreu, en la ciudad de Maranguape - Ceará, y consta de tres etapas. En la primera, con un enfoque bibliográfico, se hicieron las lecturas subyacentes al tema; en el segundo, el cuestionario se utilizó como instrumento, con preguntas objetivas de opción múltiple, aplicado a los sujetos de investigación; en la tercera etapa, la tabulación de los datos y la elaboración de gráficos, y luego analizar a partir de una mirada integral, el significado que los estudiantes señalan sobre la biblioteca en su relación con el conocimiento. Los resultados muestran que la biblioteca pública es percibida por los estudiantes como un apoyo a la acción pedagógica de la escuela en su proceso de enseñanza-aprendizaje, dado que el significado construido sobre la institución se confunde con las actividades escolares en las que se pide al estudiante que resuelva.

Palabras claves:

Educación.
Biblioteca.
Lectura.

Introdução

“O Brasil não tem povo, tem público.”¹

O aforismo destacado acima foi trazido à baila pelo escritor carioca Lima Barreto (1881-1922), em um artigo publicado num seminário do Rio de Janeiro, no começo da década de 1920, época em que a educação brasileira era ornamental, livresca, e um privilégio apenas da camada mais abastada da sociedade (TEIXEIRA, 1976).

Tal máxima do escritor literário instiga uma reflexão acerca da ausência de participação ativa de parte da população brasileira, nos principais acontecimentos do cenário político do Brasil republicano. E, ao mesmo tempo, faz emergir uma problemática que ainda persiste nos dias atuais, a saber, o fato de se constatar em nosso país, de um modo geral, a precariedade da formação leitora, haja vista esta formação ser a via de acesso à conscientização política. Como a formação leitora se mantém relegada ao segundo plano da vida cotidiana, a insuficiência apontada figura como uma das causas dessa suposta inércia popular, ou conforme argumentava o educador Paulo Freire (1921-1997), da nossa alienação social.

De acordo com Freire (2003), pensar o ato de ler significa refletir sobre um exercício de intimidade com o mundo, que requer dos sujeitos, nas situações de aquisição da leitura, uma tomada de consciência na sua prática cotidiana, isto é, uma atitude que transpõe a posição de mero expectador da vida, e constrói um entendimento crítico de sua própria realidade histórica e cultural.

Para Magda Soares (2015, p. 36), “Freire evidencia a natureza política da aprendizagem da leitura e da escrita; sua concepção do alfabetismo como instrumento de promoção da mudança social é uma concepção essencialmente política”. Logo, ler, nesse sentido, é uma ação política concreta, na qual o sujeito participa ativamente do seu lugar, refletindo e transformando a realidade.

Por isso, a frase supracitada do escritor literário, contida no seu artigo publicado em folhetim do começo do século XX, é conveniente para se perceber que naquele século, o escritor já quisera chamar a sociedade à atenção (ou “chamar a atenção da sociedade”) para a falta de mobilização em torno da educação, e de uma formação leitora que possibilite ao indivíduo exercer sua cidadania, atuando ativamente nas diferentes esferas da vida pública do país.

¹ O artigo circulou na Revista Careta, em 03 de junho de 1922. Tal informação se encontra no trabalho da Professora Francis Paulina L. da Silva, intitulado *O discurso nacionalista de Lima Barreto*. Disponível em: http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/05_12.pdf. Acesso em 14/Set de 2016.

A partir dessa perspectiva, este estudo encontra justificativa na medida em que busca contribuir com o debate sobre a formação leitora, ao pôr em evidência um aspecto em especial: os sentidos que os estudantes da educação básica estão construindo sobre a biblioteca pública de sua cidade. Afinal, a leitura crítica passa pelo caminho da biblioteca, vista “como centro cultural e não como um depósito silencioso de livros” (*Ibidem*, p. 33), como um lugar onde se efetiva a ligação profunda entre o sujeito e a sua realidade.

Daí a necessidade que tem uma biblioteca popular centrada nesta linha se estimular a criação de horas de trabalho em grupo, em que se façam verdadeiros seminários de leitura, ora buscando o adentramento crítico no texto, procurando apreender a sua significação mais profunda, ora propondo aos leitores uma experiência estética, de que a linguagem popular é intensamente rica (FREIRE, 2003, p. 33).

A biblioteca, enquanto instituição aliada à escola, atua como uma das estruturas de apoio ao leitor (ESCARPIT, 1975), configurando-se como espaço de apropriação e práticas de leitura, uma vez que, historicamente, assume a responsabilidade social de promover o conhecimento pelo viés da leitura, possibilitando, portanto, a invenção, a conscientização e a produção de significados.

Vale ressaltar que o nosso objetivo neste trabalho não foi o de realizar uma análise das práticas de leitura dos sujeitos no âmbito da biblioteca, nem tampouco compreender o processo pelo qual os sentidos deles acerca desta instituição foram construídos. O intuito foi tão somente apreender e descrever o modo como os estudantes percebem o papel da Biblioteca Pública Municipal Capistrano de Abreu (BPMCA), compreendendo, assim, de que maneira esses estudantes estão elaborando internamente o conceito de biblioteca em sua relação com o saber.

Nesse contexto de percepção, *a formação leitora entre livros e redes sociais* é um termo de referência que utilizamos para dar título a este trabalho, no sentido de referir-se tanto a função da biblioteca na atualidade, quanto à caracterização dos sujeitos da pesquisa, já que conforme Marc Prensky (2001) os leitores modernos podem ser denominados de “nativos digitais”, que possuem suas (novas) formas de ler o mundo.

Os dados apresentados neste artigo são fruto de uma pesquisa de iniciação científica², e foram analisados sob a perspectiva teórica de Roger Chartier (2002), isto é, tomando o campo da história cultural como categoria de análise do trabalho de representação que os sujeitos fazem sobre a biblioteca. Nessa perspectiva, buscamos desvelar o modo como o papel da instituição é percebido, pensado, dado a ler. Tal

² Projeto cadastrado no Programa de Iniciação Científica – PIBIC, Pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa, da Universidade Federal do Ceará – UFC, intitulado *A biblioteca e o conhecimento: a representação dos sujeitos usuários acerca da Biblioteca Pública Capistrano de Abreu no processo da aquisição do saber*, desenvolvido no período de agosto de 2016 a julho de 2017.

leitura compreende, necessariamente, a relação entre o sujeito e o objeto, cada um com suas respectivas constituições históricas e sociais.

A pesquisa foi desenvolvida junto a um grupo de estudantes do ensino básico, especificamente, do nível médio, que utilizou o espaço da biblioteca para estudos no segundo semestre do ano de 2016. Foram aplicados cinquenta questionários com questões de múltipla escolha.

O trabalho consistiu em três etapas. Na primeira etapa foi definida a execução do Plano de Trabalho Individual das bolsistas, com o seu respectivo cronograma do trabalho investigativo, e também foi realizado um estudo teórico-metodológico da pesquisa. Na etapa seguinte, foram aplicados os cinquenta questionários, aleatoriamente, aos sujeitos selecionados, conforme o perfil definido, a saber, estudantes da educação básica. A aplicação dos questionários aconteceu em dias e turnos alternados, a fim de contemplar a diversidade do público. E, por fim, na última etapa, a partir de um trabalho metódico de tabulação, análise, identificação e sistematização, elaboramos gráficos estatísticos e um texto analítico na intenção de apresentar os resultados e de construir uma reflexão entre a escola e a biblioteca pública.

Desse modo, a partir do olhar dos sujeitos sobre a biblioteca de sua cidade, abriremos caminho para a percepção do papel da BPMCA, na sua relação com a promoção da leitura ao público discente, em meio às mudanças que vêm ocorrendo na contemporaneidade.

Revelando os sujeitos e sua relação com a biblioteca - vínculos frágeis

No processo de produção das teias de significação para si, o sujeito incorpora à sua *leitura de mundo* (FREIRE, 2003), as experiências derivadas do seu contexto histórico-social, suas capacidades, as informações adquiridas, as referências dadas pelo seu grupo social, a saber, as convenções e os hábitos. Tais variáveis possibilitam ao sujeito classificar e delimitar a organização da sua percepção e apreciação do real.

A história cultural enunciada por Roger Chartier (2002) faz refletir sobre o conceito de representação que procura observar o processo de produção de sentido, dando ênfase à variabilidade e à pluralidade de compreensões (ou incompreensões). Logo, as representações passam a ser vistas como

historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras. São estas demarcações, e os esquemas que as modelam, que constituem o objeto de uma história cultural levada a repensar completamente a relação tradicionalmente postulada entre o social, identificado com um real bem real, existindo por si próprio, e as representações, supostas como refletindo-o ou dele se desviando. (CHARTIER, 2002, p. 27).

As bases desse pensamento assentam-se na ideia de que as representações do real não devem ser compreendidas como existindo por si mesmo, construídas por sujeitos universais para objetos atemporais. Ao contrário, no processo de construção de sentido, há de se considerar a *historicidade* presente no

cruzamento entre o sujeito e o objeto, abrangendo cada uma das representações, suas constituições históricas e sociais.

Nessa expectativa, fundamentamos a compreensão acerca dos sentidos atribuídos pelos sujeitos à instituição, e apresentaremos a análise, em termos quantitativos e qualitativos, dos dados obtidos a partir dos questionários. Tal análise foi dividida em duas seções: 1) os sujeitos da pesquisa e sua relação com a biblioteca, é o desenvolvimento deste tópico; e 2) o sentido produzido por esses sujeitos sobre a biblioteca, será o aspecto tratado no tópico seguinte.

Assim sendo, os gráficos abaixo, referentes à primeira seção da análise, deixam evidente que houve um equilíbrio no que concerne à quantidade de homens e mulheres investigados. Contudo, no que diz respeito à faixa etária, é possível perceber que em sua maioria (68%) possui entre 14 e 16 anos.

Gráfico 1 – Sexo dos estudantes

Gráfico 2 – Faixa etária

Fonte: Autores da pesquisa (2017)

Na sequência, os gráficos indicam a escolaridade e o tipo de instituição de ensino ao qual os estudantes pertencem. Com as respostas, constatamos que a maioria (90%) dos pesquisados cursa o ensino médio, sendo 72% em escola pública.

Gráfico 3 – Grau de escolaridade

Fonte: Autores da pesquisa (2017)

Gráfico 4 – Tipo de instituição de ensino

Fonte: Autores da pesquisa (2017)

Os dados colhidos apontaram sujeitos que, em sua maioria, são estudantes entre 14 e 16 anos, e que cursam o ensino médio em escola pública. Desse modo, considerando essas especificações, vale ressaltar o que diz Michèle Petit, em seu livro *O jovem e a leitura: uma nova perspectiva* (2008), sobretudo, quando ela traz à tona a situação do adolescente, e o papel formador que a leitura pode ocupar em sua vida. Segundo a autora, a leitura é capaz de transformar os rumos do indivíduo, e reorganizar os pontos de vista, numa etapa da vida em que se intensifica as experimentações de afetos, tensões e angústias. (PETIT, 2008, p. 50).

Ademais, importa evidenciar, também, o fato de que esse perfil etário de leitores apresenta a sua singularidade quando compreendido sob o prisma das novas formas de ler o mundo. Estas, conforme mencionamos anteriormente, são provenientes da rápida disseminação da tecnologia digital ocorrida nas últimas décadas do século XX.

Para Prensky (2001), esses estudantes são os “nativos digitais”, ou seja, um perfil de alunos que cresceram envoltos à tecnologia.

They have spent their entire lives surrounded by and using computers, videogames, digital music players, video cams, cell phones, and all the other toys and tools of the digital age. Today's average college grads have spent less than 5,000 hours of their lives reading, but over 10,000 hours playing video games (not to mention 20,000 hours watching TV). Computer games, email, the Internet, cell phones and instant messaging are integral parts of their lives. (PRENSKY, 2001, p.1).

A contribuição das pesquisas de Prensky, atrelada à importância dada por Petit à leitura na adolescência, nutre um alerta direcionado às instituições educacionais, nas quais se inserem também as bibliotecas, de mudança de estratégia e de comportamento pedagógico relacionado à temática. De acordo com Patrícia Coelho (2012), em seu artigo sobre a escola e as novas competências tecnológicas, publicado na Revista *Texto livre: linguagem e Tecnologia* da Universidade Federal de Minas Gerais, essas instituições precisam, necessariamente, dialogar com as transformações de comportamento desses estudantes, sobretudo se consideradas as que são geradas pelos avanços tecnológicos que impactaram de maneira radical nos elos comunicacionais e nas formas de ler o mundo. Haja vista que esses estudantes da contemporaneidade pensam e compreendem as informações de maneira essencialmente diferente de seus antecessores.

Em contrapartida, se os espaços educacionais que pretendem acolher esse público se mantiverem isolados das expectativas e anseios destes, e desatualizados frente às novas tecnologias digitais, prevalecendo apenas a maneira tradicional de leitura e aquisição de conhecimento, não haverá interação entre ambos. Segundo Prensky (2001) será como sujeito e objeto sem um elo de comunicação, ou seja, estudante e biblioteca, falantes de idiomas totalmente diferentes.

Diante do que compõe essa seção, acrescentamos os dados referentes às especificações históricas e sociais do público pesquisado, nos gráficos a seguir. Estes apresentam a relação dos estudantes com a biblioteca no que concerne às visitas, à frequência do espaço para pesquisa, à participação nas atividades promovidas e, por fim, ao uso do serviço de empréstimo de livros. Conforme observamos:

Gráfico 5 – Intensidade de visita à biblioteca

Fonte: Autores da pesquisa (2017)

Quanto à intensidade das visitas à instituição, temos que 62% informaram que raramente vão à biblioteca, 18% vão uma vez por semana, 10% vão todos os dias, e 10% responderam que no dia da aplicação do questionário, eles estavam visitando a biblioteca pela primeira vez.

Gráfico 6 – Frequência do uso da biblioteca para pesquisa

Fonte: Autores da pesquisa (2017)

Já no que concerne à utilização da biblioteca para a realização de pesquisas, os dados revelaram que somente 22% utilizam regularmente a biblioteca para este fim. Enquanto que 68% só realizam esta tarefa na instituição esporadicamente.

Gráfico 7 – Participação em atividades oferecidas pela biblioteca

Fonte: Autores da pesquisa (2017)

Para enriquecer a compreensão da relação entre esse público e a biblioteca, verificamos que a maioria dos sujeitos pesquisados (58%) não participa das atividades que são realizadas na instituição. Outro elemento que se apresenta com o percentual elevado de subutilização é o serviço de empréstimo da biblioteca, e denuncia a quase ausência de usufruto por parte desses estudantes, como expressa o gráfico a seguir:

Gráfico 8 – Uso do serviço de empréstimo da biblioteca

Fonte: Autores da pesquisa (2017)

A partir dos dados colhidos é possível perceber uma evidência de fragilidade considerável nos elos que unem biblioteca e o referido público. Ao fazermos um paralelo entre o perfil dos sujeitos pesquisados e a participação deles na biblioteca, questionamo-nos se tal distanciamento estaria vinculado à falta de identificação dos sujeitos com as práticas de leitura possibilitadas pela instituição.

Evidentemente, o estudante da atualidade, imerso no universo digital, é atraído pelos novos formatos de leitura. De acordo com Roger Chartier, este novo formato de leitura “permite usos, manuseios, e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais livres do que qualquer uma das formas antigas do livro” (CHARTIER, 1999, p. 88). Contudo, não há como se ter certeza de ser este o real motivo que dificulta a interação dos estudantes com essa biblioteca, visto que a biblioteca não se resume a estantes do acervo.

Quanto ao aspecto leitor assíduo, não frequentar a biblioteca constantemente ou não solicitar empréstimos de livros do acervo da instituição não significa, necessariamente, que tais estudantes não gostem de ler os livros disponibilizados, ou não se interessem pelo espaço tal como ele se configura na atualidade. Outros fatores sociais, econômicos, culturais podem estar relacionados à essa problemática, conforme afirma o autor:

[...] a relação da leitura com um texto depende, é claro, do texto lido, mas depende também do leitor, de suas competências e práticas, e da forma na qual ele encontra o texto lido ou ouvido. Existe aí uma trilogia absolutamente indissociável se nos interessamos pelo processo de produção de sentido. O texto implica significações que cada leitor constrói a partir de seus próprios códigos de leitura, quando ele recebe ou se apropria desse texto de forma determinada. (CHARTIER, 1999, p. 152).

O fato é que, com base nos dados extraídos dos gráficos anteriores, uma importante reflexão é suscitada acerca do contexto das bibliotecas na atualidade. Desse modo, é válido destacar que não podemos ignorar a importância do uso das novas tecnologias e mídias digitais nos espaços educacionais, dentre eles

a biblioteca, já que estes proporcionam a integração do ambiente à rede internacional dos computadores, por via de conexão à internet. Exemplo disso é o uso de equipamentos para audição de *e-books* e exibição de discos digitais, disponibilizados pela biblioteca que possibilitam ao público múltiplas formas de acesso à leitura, pois “muitos usuários chegam a permanecer na biblioteca por causa das atividades concretas que lhes interessam” (ROSING; BECKER, 2005, p.144).

Como espaço de conhecimento, liberdade e animação cultural, a biblioteca assume, portanto, uma tarefa de suma importância na formação leitora de seus usuários. De forma que os profissionais responsáveis por conduzir esses espaços e mediar a relação usuário-livro precisam estar aptos para trabalhar com estratégias, que promovam educação e cultura por meio da utilização do suporte dos recursos de multimídias, já que “o novo leitor demonstra curiosidade pelos suportes com tela ao mesmo tempo que vibra ao ler um livro” (*Ibidem*, p. 220).

Vale ressaltar que a concepção de biblioteca como ambiente dinâmico na sua perspectiva estrutural, em seu acervo, em suas tecnologias, no estabelecimento de suas regras de conduta e convivência, e em suas atividades permanentes se torna essencial para acolher “nativos digitais”. Uma vez que o modo como o leitor lê, dentre outros fatores, também determina as condições de apropriação de sua leitura, podendo extrair do texto múltiplas significações, conforme evidenciou Roger Chartier em seu livro *Leituras e leitores na França do antigo regime* (2004).

Portanto, com base nessas determinações históricas e sociais que caracterizam o contexto do sujeito e do objeto, bem como conduzem as operações de construção de significados, é que buscamos no próximo tópico, compreender o sentido que os estudantes da educação básica estão construindo sobre a biblioteca de sua cidade.

Um sentido escolar para a biblioteca pública

No presente tópico trataremos da questão central deste trabalho, a saber, a significação que os estudantes investigados atribuem à biblioteca pública municipal no tocante à sua funcionalidade. Quando confrontados com a pergunta “O que é uma biblioteca pra você?”, as respostas abrangeram a biblioteca como um lugar de guarda de livros, um local que conserva e promove conhecimento, e como um lugar chato. O gráfico abaixo mostrará o percentual para cada uma das respostas.

Gráfico 9 – Significado de uma biblioteca pública

Fonte: Autores da pesquisa (2017)

Os dados revelaram que a maioria dos estudantes (88%) reconhece a biblioteca pública como um espaço que conserva e promove o conhecimento. O gráfico oferece, portanto, indícios de que o sentido produzido por eles acerca desse tipo de instituição se aproxima ao disposto nas Diretrizes da IFLA sobre os serviços da biblioteca pública, cuja primeira edição foi publicada em 2010, pela International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA), ou seja, a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias, a qual considera a biblioteca pública como sendo,

uma organização, criada, mantida e financiada pela comunidade, quer através da administração local, regional ou central, quer através de uma outra forma de organização comunitária. Disponibiliza acesso ao conhecimento, à informação, à aprendizagem ao longo da vida e a obras criativas, através de um leque alargado de recursos e serviços, estando disponíveis a todos os membros da comunidade independentemente de raça, nacionalidade, idade, género, religião, língua, deficiência, condição económica e laboral e nível de escolaridade. (KOONTZ; GUBBIN, 2013, p. 13).

Esse é um dado que pode ser considerado relevante, se compreendido como significado histórico do sentido da biblioteca pública na vida desses sujeitos. Ademais, se analisado também como uma abertura ao diálogo com o espaço letrado da biblioteca, e seu potencial papel no processo de desenvolvimento cultural da comunidade.

Entretanto, tal percepção se confronta com o entendimento que os estudantes revelam ter sobre o papel educacional da Biblioteca Pública Municipal Capistrano de Abreu. Em outras palavras, ao serem convidados a refletir sobre o papel da biblioteca pública de sua cidade, os dados mostram que a maioria (38%) considera a instituição um lugar ideal para a resolução de tarefas escolares, apenas, enquanto somente 4% a consideram um lugar de estudo e de melhoria do conhecimento. Dados evidenciados no gráfico a seguir:

Gráfico 10 – Significado da Biblioteca Pública Municipal Capistrano de Abreu

Fonte: Autores da pesquisa (2017)

Logo, embora considerando a biblioteca pública como um espaço de promoção do saber, o sentido produzido pelos estudantes acerca da biblioteca de sua cidade, especificamente, revela uma compreensão ainda limitada do papel dessa instituição na comunidade.

A despeito dessa limitação apontada pelos sujeitos em relação ao papel da BPMCA, foi possível perceber que o significado atribuído ao espaço corre o risco de ser redutor diante da grandeza e do potencial da referida biblioteca, já que o papel desempenhado por ela, na perspectiva desses estudantes, só se torna expressivo pela sua relação com o universo escolar.

Nesse sentido, indagamo-nos sobre diversas questões, dentre elas: estariam eles construindo um único sentido – o escolar – para a biblioteca de sua cidade? A BPMCA está sendo utilizada por eles, sobretudo, com a finalidade de cumprir com as responsabilidades de cunho pedagógico? Se a resposta for sim, seria porque tanto nela como na escola os modelos de aquisição do saber ainda são aqueles considerados, pelos estudantes, como antigos e desatualizados? Para esses estudantes, a leitura e o conhecimento seriam apenas aqueles que fazem parte do universo da escola, desconsiderando outros modos e práticas que se desenvolvem fora dela?

Em busca de vislumbrar caminhos de possibilidades, no segmento das reflexões questionamos as situações da seguinte maneira: Como a biblioteca e a escola podem, então, combinar-se para além da educação formal num processo de aprendizagem, promovendo uma formação leitora que desperte o leitor para uma participação ativa na sua comunidade? De que modo as leituras possibilitadas no espaço da biblioteca desempenham uma função importante nesse processo?

No entanto, não houve a pretensão de esclarecer tais questões nos limites da pesquisa, pois fugiria do propósito deste trabalho, tal menção serviu apenas para demonstrar as provocativas reflexões, que foram

suscitadas ao longo da análise dos dados coletados na pesquisa sobre os sentidos que estão sendo construídos no universo da formação leitora desses estudantes, sobretudo, os relacionados aos espaços de leitura, tal qual a biblioteca pública.

Conceber a biblioteca como “lugar para resolver as tarefas escolares” significa compreendê-la como mais um ambiente de aprendizagem em que o estudante precisa necessariamente estar, a fim de atender a critérios de avaliação pedagógica. Porém, tal concepção limita a proposta de abrangência social, histórica e cultural de uma biblioteca, configurando-se, assim, essa como uma visão reducionista desse espaço de múltiplas aprendizagens.

Da mesma forma, ao se permitir fornecer à biblioteca uma intenção apenas educativa, pedagogizante, corremos o sério risco de afastar os nossos estudantes de uma formação leitora rica de significados, que possibilita ao sujeito vivenciar uma experiência autêntica de ver-se no mundo, uma tomada concreta de consciência, um modo de perceber-se e apreender a riqueza do seu lugar, por meio de leituras que nutrem uma experiência estética jamais esquecida, trazendo a marca da beleza histórica e cultural de cada leitor.

Marisa Lajolo (1997) argumenta que ler o mundo é, antes de tudo, entender o mundo. A intensidade da leitura do mundo, segundo ela, está na relação da abrangência da concepção de mundo e de vida. A ideia, então, é estender as teias de significado acerca da biblioteca, de modo a perceber que o seu papel na comunidade abrange um encontro pessoal com a leitura e com o conhecimento, entendê-la como um

lugar da memória nacional, espaço de conservação do patrimônio intelectual, literário e artístico, [...] o teatro de uma alquimia complexa em que, sob o efeito da leitura, da escrita e de sua interação, se liberam as forças, o movimento do pensamento. É um lugar de diálogo com o passado, de criação e inovação, e a conservação só tem sentido como fermento dos saberes e motor dos conhecimentos, a serviço da coletividade inteira. (BARATIN; JACOB, 2008, p. 9).

Essa afirmação, que mais se aproxima de uma apologia às bibliotecas, corrobora com a proposta deste artigo, e enriquece o olhar acerca da amplitude do potencial dessas instituições que servem como espaço motor da produção de saberes. Logo, a biblioteca é um lugar, é um espaço, uma instituição que acolhe não apenas os textos escritos ao longo da história humana, mas também a arquitetura, os hábitos, as imagens, os sons, os cheiros, os sentimentos, o tempo, a memória.

Nesse sentido, o processo de leitura que se inicia na escola, mas não se encerra nela (*Ibidem*, p. 7), precisa complementar-se na biblioteca de modo que, juntas, essas instituições busquem formar uma “comunidade de leitores”, expressão tomada por empréstimo de Lerner (2002), para representar o coletivo daqueles que

recorrem aos textos buscando resposta para os problemas que necessitam resolver, tratando de encontrar informação para compreender melhor algum aspecto do mundo que é objeto de suas preocupações, buscando argumentos para defender uma posição com a qual estão comprometidos, ou para rebater outra que consideram perigosa ou injusta, desejando conhecer outros modos de vida, identificar-se com outros autores e personagens ou se diferenciar deles, viver outras aventuras,

inteirar-se de outras histórias, descobrir outras formas de utilizar a linguagem para criar novos sentidos (LERNER, 2002, p. 18).

Esta perspectiva, faz com que a relação “sujeito-leitor e biblioteca” esteja permeada por sentido, por sentimento de pertença, e há também o fortalecimento de vínculos afetivos. A biblioteca, assim compreendida, irá se configurar não apenas como suporte escolar, mas como um instrumento de libertação que exprime uma natureza política e emancipatória, tornando possível uma concretização do elo existente entre cultura, língua e linguagem.

Considerações finais

A presente pesquisa apreendeu o sentido que os estudantes da educação básica de Maranguape, Ceará, estão construindo para a Biblioteca Pública Municipal Capistrano de Abreu, no tocante à sua funcionalidade. Os dados obtidos ao mesmo tempo que denunciam uma percepção de utilização escolar de forma mecânica da biblioteca por parte desses estudantes, anunciam, também, possibilidades de rompimento com essa precária escolarização da leitura e com a ideia simplista do ambiente da biblioteca, à medida que se abre espaço para a discussão e reflexão sobre tal problemática.

Ao tomarmos como certa a afirmação de Chartier (2002) quanto ao fato de não haver neutralidade nas percepções do social, ou seja, serem elas produzidas a partir das práticas sociais, culturais, escolares e políticas, a representação da biblioteca pode estar intrinsicamente vinculada aos modelos educacionais (currículos, projetos de escola, etc), às práticas de leituras e escrita, enfim, a todo o compêndio de vivências culturais próprias do contexto histórico e social no qual os estudantes pesquisados estão inseridos.

Diante do exposto, a produção do sentido deve ser compreendida nessa relação dinâmica, dependente de múltiplas variações. Todavia, nada pode ser considerado absolutamente perdido, há de se ter um fio condutor que una os estudantes ao sentido mais amplo de uma biblioteca, que explore diferentes estratégias e práticas de leitura.

Nessa perspectiva, é imperativo estimular a ressignificação dessa biblioteca para tais estudantes, isto é, ampliar os horizontes de possibilidades de sua atuação, ir ao encontro desses usuários. Esse encontro entre sujeito-leitor e biblioteca deve acontecer dialogando com as expectativas estudantis, e com a disponibilidade de serviços já modernizados com as novas tecnologias, ofertadas por meio do acesso gratuito à Internet.

Enfim, vê-se necessário transformar a percepção estudantil da biblioteca na cultura escolar do município, enfatizando a importância da existência da instituição não apenas como um espaço para atender às necessidades escolares, mas para proporcionar o enriquecimento cultural, por intermédio de uma formação leitora que se apresente como uma possibilidade de reinvenção do próprio leitor, através de um ato prazeroso que promova a oportunidade de este experimentar o mundo de outra forma

Referências

- BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. 2 ed. Algés – Portugal: DIFEL, 2002.
- CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do antigo regime**. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2004.
- COELHO, Patrícia Margarida Farias. Os nativos digitais e as novas competências tecnológicas. In: **Texto livre: linguagem e tecnologia**. Revista da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, v. 5, nº 2, jul-dez, 2012, p. 88-95. Disponível em www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/2049 Acesso em 14 de dezembro de 2019.
- ESCARPIT, Robert. Hábitos de leitura. In: **A fome de ler**. Rio de Janeiro: FGV/INL, 1975, p. 115-147.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 45ª. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- KOONTZ, Christie; GUBBIN Barbara (Editoras). **Diretrizes da Ifla sobre os serviços da Biblioteca Pública**. 2 ed. , Berlin: Ifla Publications IFLA, 2013.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1997.
- LERNER, Delia; ROSA, Ernani (Trad.). **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.
- PRENSKY, M. **Digital Native, digital immigrants**. On the horizon, MCB University Press, Vol. 9, N.5, October, 2001. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf> Acesso em: 13 de dezembro de 2019.
- ROSING, Tânia M. K; BECKER, Paulo. (Orgs.). **Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca**. 2 ed. Passo Fundo: UPF, 2005.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Ed Nacional/ Brasília: INL, 1976.